

ESTILOS ESTRUTURAIS E ARQUITETURA DO RIFTE NA BACIA SERGIPE-ALAGOAS (NE DO BRASIL)

Alex Francisco Antunes¹; Emanuel Ferraz Jardim de Sá²; Walter Eugênio de Medeiros³; Peryclys Raynyeri de Andrade⁴; Camilla Bezerra de Almeida⁵

¹ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE; ² UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE; ³ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE; ⁴ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE / PETROBRAS; ⁵ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE / PETROBRAS

RESUMO: A Bacia Sergipe-Alagoas (BSA) localiza-se na porção setentrional da margem continental Leste brasileira. A BSA é subdivida em dois compartimentos principais, separados por um conjunto de altos medianos: a Sub-bacia de Sergipe (SbSE), a sul, e a Sub-bacia de Alagoas (SbAL), a norte. A integração de dados de terreno, gravimétricos e sísmicos indica que a tectônica rifte da BSA foi governada por um evento com distensão NW, de caráter polifásico ou progressivo. A BSA é estruturada principalmente pelo conjunto de falhas normais de direção NE-SW (com variações entre N-S a ENE), com mergulhos predominantemente para SE e subordinadamente para NW. Na porção centro-norte da SbAL, falhas N-S exibem componente de movimento direcional dextral. Um segundo conjunto de falhas, transversal ou oblíquo ao anterior, apresenta componentes de rejeito normal (com mais frequência e muitas vezes proeminente), sendo que a sua orientação em relação às principais falhas normais permite interpretá-las como zonas de transferência, com rejeitos oblíquos. Esta estruturação complexa compartimentou a BSA em vários blocos menores. Dentre as estruturas principais, deve ser destacada a falha de borda da BSA, definindo seu limite noroeste. Esta zona de falhas é caracteristicamente segmentada; apresenta direção geral NE-SW, com inflexões para N-S e mergulho para SE/E. Na porção sul da SbSE, a mesma se conecta com a falha de Itaporanga, de direção NW-SE, interpretada como uma falha de transferência, compondo o limite meridional da SbSE. Os dados sísmicos e gravimétricos mostram que o rejeito desta estrutura é maior ao longo da SbAL. A norte, a falha de borda alcança o alto de Maragogi, definindo uma rampa de revezamento com charneira e segmentos menores de falhas de transferência ou normais transversais, na direção NW-SE. No extremo sul da SbSE o rejeito na falha de borda diminui, aproximando-se da Plataforma de Estância. Dependendo do compartimento estrutural considerado, a falha de borda ora assume mergulhos acentuados, ora mais suaves, e comumente perfil lítrico. A sua segmentação é mais acentuada, e o seu rejeito decresce, na região dos altos medianos e entorno, zona limítrofe entre as sub-bacias. Na BSA emersa, o conjunto dos altos medianos delimita os depocentros situados a sul, na SbSE, e a norte, na SbAL, sendo que as falhas normais exibem mergulhos mais acentuados, incluindo o setor que adentra na plataforma continental. Distalmente, os depocentros das duas sub-bacias coalescem, principalmente no setor de águas profundas. Os compartimentos da SbSE são comparativamente mais rasos, em terra, do que os da SbAL, e uma relação oposta é observada na porção marítima. A Charneira Alagoas teve seu traçado revisado, em geral deslocado para E/SE, coincidindo com a borda oriental de um conjunto de altos estruturais externos (estes com significativa importância exploratória), sucedidos pelas rampas distais que prosseguem até o domínio oceânico. Neste setor, as falhas normais exibem perfil caracteristicamente lítrico, com zonas de descolamento; em geral, o basculamento dominante é no sentido do continente. Todavia, aproximando-se do limite crustal, são interpretadas falhas antitéticas que parecem controlar o basculamento dos SDRs, em direção ao oceano.

PALAVRAS-CHAVE: RIFTE; MARGEM LESTE; CRETÁCEO.